

Entrevista com André Cáceres, autor de “sci-fi”

Havia muitos mundos no império...

Sérgio Medeiros



André Cáceres

Durante anos, André Cáceres colaborou no caderno “Aliás”, do jornal “O Estado de S. Paulo”, onde abriu espaço para a ficção científica escrita no Brasil e no estrangeiro, gênero ao qual ele próprio se dedica, tendo publicado, em 2021, pela editora Patuá (SP), o romance “Nebulosa”, com mais de 300 páginas ambientadas num Império repleto de mundos contrastantes e surpreendentes. Ele fala disso e de outros assuntos na entrevista que concedeu a esta revista.

No seu romance recém-lançado “Nebulosa”, chama a atenção a apresentação de cenários diversificados, situados em lugares distintos do cosmos. Você parece querer embaralhar noções como centro e periferia...

A ficção científica sempre trata de temas caros à realidade do autor. Eu, como paulistano nascido e criado em uma megalópole com bairros cultural, social e economicamente tão distintos, sempre convivi com esse caldo de diversidade e desigualdade. Em “Nebulosa”, nascer em um planeta pobre e sem um elevador espacial (um projeto real de engenharia que promete baratear as viagens espaciais) é como, em São Paulo, nascer em um bairro sem uma estação de metrô. A distância entre bairros em uma cidade pode ser tão intranponível quanto a distância entre os planetas desse império. Em última instância, a ambientação de “Nebulosa” transmite a essência da ideia de gentrificação e a eleva à enésima

potência. Mas é claro que leitores com outras vivências vão relacionar esse aspecto a outros tipos de divisão espacial, essas linhas invisíveis que regem nossas vidas sem que nos demos conta muitas vezes.

Quanto aos personagens, você demonstra uma preocupação em distingui-los a partir da estatura e da cor da pele, A população de Nebulosa não teria, assim, um padrão físico. Poderia explicar isso?

Personagens nascidos em planetas mais massivos, com mais gravidade, têm estatura menor, enquanto outros, nascidos em asteroides ou corpos celestes mais leves, geralmente menos relevantes socialmente, são mais esticados. Dito isso, há uma distinção importante: a pele negra, em “Nebulosa”, é valorizada porque gerações e gerações de engenharia genética nas famílias aristocráticas concedeu proteção contra raios cósmicos (extremamente útil para quem quer se aventurar pelo espaço), com uma concentração de melanina. Isso não significa que todos os personagens de pele preta sejam parte da nobreza, mas praticamente toda a nobreza é preta. A ideia aqui não era proporcionar uma mera inversão rasa de preconceitos, mas criar novas dinâmicas sociais e explorar suas nuances, algo de que só a ficção científica é capaz. No entanto, há um personagem, o matemático Dédalo, que eu não descrevo fisicamente e cuja cor da pele mudaria a interpretação do romance para um lado ou para o outro. O leitor é convidado a elaborar as consequências sociais que adviriam de cada uma das possibilidades e o que isso diria sobre aquele mundo - e sobre o nosso, como não pode deixar de ser.

Para um livro de estreia, surpreende que você tenha escolhido falar de um império constituído por mais de 100 mundos... É uma geografia muito vasta. Como é possível lidar com ela? De que meios a ficção científica dispõe para tratar disso?

Gosto de pensar, de uma maneira não determinista, sobre como o ambiente interfere na psique humana. Para levar adiante essa ideia, tive de elaborar geografias distintas que pudessem influenciar as características físicas e psicológicas das personagens. Por exemplo, a destemida Aurora vive em Opel-A, um mundo com rotação sincronizada com seu sol. Isso quer dizer que Opel-A tem sempre a mesma face virada para o sol, um lado tão quente que é inabitável, assim como a face escura, extremamente fria. A civilização só conseguiu se estabelecer numa estreita faixa de terra entre esses dois lados, onde sempre se vê um céu do entardecer (ou seria da alvorada?), sem dias nem noites. Esse arranjo não só é possível como já observamos exoplanetas assim na nossa galáxia. Mas qual seria o impacto de viver em um mundo como esse? Essas pessoas seriam menos dualistas por

não ter o ciclo circadiano igual ao nosso? É esse tipo de especulação que a ficção científica faz tão bem, falando de uma ideia a princípio abstrata, mas que no fundo revela coisas sobre nós mesmos. Afinal, mesmo com todas essas diferenças, Opel-A também vive permanentemente em guerra. Talvez uma característica incontornável da humanidade.

O que seria uma ficção científica brasileira para você? No seu romance podemos destacar, por exemplo, a referência a palavras como “riverão” e “suçuarana”, carregadas de peso histórico nacional...

Por mais que a fabulação literária leve a escrita para temáticas aparentemente distantes da nossa realidade, só podemos escrever sobre o que conhecemos. Por isso, eu não acho que os autores brasileiros devam se restringir a “temas nacionais” ou que devam escrever apenas obras que se passem no Brasil ou com personagens brasileiros. “Nebulosa” é irremediavelmente brasileiro, mesmo se passando dezenas de milhares de anos no futuro, numa época em que o conceito de Brasil já nem existe mais. Mas não necessariamente pelo uso das palavras mencionadas - afinal, também nomeei personagens e lugares com referências das mitologias grega, hindu e nórdica, entre outras. E sim porque nós somos contaminados pela nossa realidade cotidiana sempre que escrevemos. A ficção científica brasileira, embora ainda pouco conhecida pela crítica e pelos leitores brasileiros, vem fazendo um trabalho brilhante de retratar o presente e projetar o futuro do país.

A sua atuação no caderno Aliás, do “Estado de S. Paulo”, se destaca, entre outras coisas, pelo olhar devotado à literatura de ficção científica. Como esse espaço, único no jornalismo cultural brasileiro, foi conquistado?

Esse espaço foi conquistado pela generosidade de pessoas como o Antonio Gonçalves Filho, meu editor, que sempre me incentivou a escrever sobre os temas que me são caros. Tento sempre usar esse espaço tão privilegiado para fazer algo cada vez mais raro na imprensa brasileira, que é tratar da literatura com honestidade intelectual e sem subestimar o leitor. Por isso, quando escrevo sobre ficção científica, não o faço por mero apreço pelo gênero, mas por acreditar sinceramente na capacidade que ela tem de revelar aspectos fundamentais da condição humana no século 21. Aliás, não é por acaso que autores como Ian McEwan, Daniel Galera, Natalia Borges Poleso, Don DeLillo, Joca Reiners Terron e tantos outros deixaram o desgastado realismo para trás em seus últimos livros. Se nem a realidade parece obedecer mais a algum grau de realismo, eu acredito que não apenas a ficção científica, mas todas as categorias do insólito literário contenham em si as sementes da grande literatura do século 21.

Quais obras de ficção científica brasileira você destacaria, entre as que já foram comentadas no Aliás?

Algumas obras foram objeto de resenha, outras de entrevista e outras ainda foram apenas mencionadas, mas eu destacaria as seguintes:

- *Fractais Tropicais* (2018, Sesi), coletânea de vários autores
- *Distrito Federal* (2014, Patuá) e *Sincronias Dyssonantes* (2021, Líquido Editorial), de Luiz Bras (heterônimo de Nelson de Oliveira)
- *A Espinha Dorsal da Memória* (1989, reeditado em 2020, Bandeirola), de Braulio Tavares
- *Iségun* (2019, Monomito), de Lu Ain-Zaila
- *Sabor Idêntico ao Natural* (2021, Vacatussa), de Nathalie Lourenço
- *Corpos Secos* (2020, Alfaguara), de Luisa Geisler, Marcelo Ferroni, Natalia Borges Polesso e Samir Machado de Machado
- *Não Verás País Nenhum* (1981, reeditado em 2019, Global), de Ignácio de Loyola Brandão

É claro que não tive a oportunidade de escrever ainda sobre vários autores dos quais gosto muito, mas dentre os que já comentei esses são incontornáveis.